

*Associação livre*

ANO II, EDIÇÃO V, DEZEMBRO DE 2014

JORNAL DA SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE BRASÍLIA



*POR UMA ESCRITA PSICANALÍTICA*



## APRESENTAÇÃO

O médico e analista em formação Alexandre Ricciardi, autor das ilustrações desta edição e das anteriores, escreve com imagens. Seus desenhos falam de vida, morte, caminhos e não-escolhas, conteúdos, continentes, horror, amor. Alexandre condensa em imagens suas associações a partir dos temas percorridos pelos autores dos textos. Estes, por sua vez, desprendem-se da experiência inefável da psicanálise para dar-lhe expressão por meio da palavra. Imagens e palavras se combinam para exaltar a escrita psicanalítica, em artigos de colegas da SPBSb e do Instituto e dos convidados gaúchos Ana Cláudia Meira (CEPdePA) e Celso Gutfreind (SBPdePA) à nossa recente Jornada de Escrita em Psicanálise. Outro gaúcho querido, Leonardo Francischelli (SBPdePA), em entrevista, fala de Lacan, envolvimento institucional e político. Associações às pampas para todos!

*Cláudia Carneiro*, editora

## NESTA EDIÇÃO

- Extratos • **Mirian Delgado** • 3  
Doce despedida • **Maria Lúcia Ferreira Alvarenga** • 5  
O Mateiro e o Curupira • **Luciano Lírío** • 6  
Varal das Associações – Jornada de Escrita em Psicanálise da SPBSb • 8  
"Uma imagem vale por mil palavras?" • **Ana Cláudia Meira** • 11  
Minha Fada Madrinha • **Vera Lúcia Lúcio** • 15  
Por uma escrita psicanalítica • **Celso Gutfreind** • 16  
O exercício de escrita • **Cláudia Carneiro** • 18  
Um militante de seu tempo – Entrevista com Leonardo Francischelli • 20  
Cascatas de Banfora • **Maria de Lourdes Teodoro** • 24  
Working party • **Grácia Fenelon** • 27

## QUEM SOMOS

### Edição

CLÁUDIA CARNEIRO

### Equipe Editorial

CARLOS CESAR M. FRAUSINO  
CÍNTIA XAVIER DE ALBUQUERQUE  
HELENA DALTRO PONTUAL

### Ilustrações

ALEXANDRE RICCIARDI

### Projeto Gráfico e Diagramação

JULIANA ALBUQUERQUE  
WWW.JUALBUQUERQUE.COM

### Impressão e Apoio

GRÁFICA E EDITORA POSITIVA LTDA

### Diretoria da SPBSb

MIRIAN BENDER RITTER DE GREGORIO, *Presidente*  
LILIANA DUTRA DE MORAES AVIDOS, *Secretária*  
MARIA STELLA WINGE, *Tesoureira*  
MARIA SILVIA VALLADARES, *Diretora Científica*  
CARLOS DE ALMEIDA VIEIRA, *Diretora do Instituto*

Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília,  
filiada à Federação Brasileira de Psicanálise, FEBRAPSI,  
e à International Psychoanalytical Association, IPA.

WWW.SPBSB.ORG.BR • SPBSB@SPBSB.ORG.BR  
JORNAL@SPBSB.ORG.BR

# EXTRATOS

*Mirian Estides Delgado*

## 1. ANTES

Pura pulsão. Excesso. Natureza intencional, sem bordas, sôfrega, cega. Na contenção do útero, confinamento fundamental, hospedeiro instintual, a frenética formação, contra núcleos de involução, modela um ser, da indistinção à distinção que expulsa e exige essa cesura, entre interior e exterior, avesso das muitas mortes que virão. O que nasce se impõe ao outro, mesmo ali onde ainda não sendo nada, além das expectativas alheias. Mas, sobreviver, ordem instintiva, é o mais perene dos medos. É lançar-se aos improváveis, aos interstícios mútuos, à modelagem do inesperado som e gesto em resposta ao apelo que nem se sabe que fez. É tecer cheiro e olhar, dor e incompreensão, os absurdos, os desconfortos, os sustos.

À instância social, às suas gratificações e restrições, suas normas de controle da existência, traz-se um infinito inconsciente, e nosso quinhão de humanidade, a inexaurível capacidade de sonhar, de imaginar, de delirar, transgressões, aos solavancos das frustrações e da negatividade. Dali, onde jorra leite e mel, ou falta, intermitente ou persistentemente, faz-se de novo o mundo, seu sofrimento e felicidade, sua morte e sua vida. Na repressão contínua do desejo, a saudade de uma ausência, marca humana da incompletude, ordena o amor e seus simulacros.

## 2. A INSÔNIA NO DIVÃ COMO RESISTÊNCIA À ASSOCIAÇÃO LIVRE:

*Os “restos diurnos” como senha necessária para ir ao encontro dos “restos do infinito”*

Depois de um tempo deitada, revira-se de-sassossegada no divã e suspira, por onde começar? Como começar a sonhar? O que é necessário para evitar quase esse pavor que a

insônia provoca quando se põe a suspeitar de que não se conseguirá conciliar, e não mais resistir ao que nem sabemos? A indecisão quanto às palavras que não vêm, ou vêm partidas, impedindo que a comunicação com o outro se faça, se dê, e nos realimente. Penso no sonho. No pré-requisito para que se construa, flua, e encarregue-se de dizer em seu discurso solto, o que detemos, temendo um jorro incontável de tudo que somos. Restos diurnos. Eis a senha, o motivo, o mote de um sentido para que, o que ainda não se deslinda de seu limbo, ou dos miasmas de um caos uterino, tenha nos fiapos do dia onde enlaçar restos do infinito. Penso que toda a comunicação, também o sonho, se tece assim, ou se destece, num bordado que nos afasta ou leva pelos mares e guerras desta vida. Perdestes a senha? E percorre-se, às vezes, todo um labirinto atrás do fio da história, até que um alçapão se abra, um beco se desvie, a nau atraque, o efeito passe, a festa acabe, o nó se desfaça, a asa seque, e quanto tempo levará para que uma asa seque, ela se pergunta. Que alguma folhinha se traga no bico, alguma palavra contada. Restos diurnos. Lembrança de vida, laço que nos traz de volta, depois de atravessar os muros e colher nas memórias impensáveis, notícias do que nos impede e nos possibilita.

## 3. SOBREDETERMINAÇÃO DE BAGATELAS

O analista na padaria  
Pergunta pelos sonhos  
O padeiro se põe a contá-los

O analista engasga e aterrissa  
Metáforas penduram-se na janela  
A vertigem do tempo pinga no tapete  
O inconsciente do divã desloca-se condensado



O analista pensa com seus carretéis  
Aliados nas gavetinhas de outrora  
Sobre trilhas, desertos, córregos e oceanos  
Travessias entre os mundos do destino

O analista sonha  
A esfinge estira-se no divã  
Ele balbucia, mãe pai  
O escasso véu do mundo encobre e não  
encobre  
Sente frio nos pés e flutua bocejante

O analista explode no cosmos dos acasos  
A indelicadeza das incertezas sobrepõe-se  
às dúvidas  
Um bem-te-vi canta na goiabeira  
Uma criança nasce na Guiné-Bissau  
Um cheiro de peixe frito inunda-lhe a alma

O analista se assombra em suas sombras  
Corrientes 348, Schubert inacabada, polter-  
geist, unheimlich  
Sorri matreiro aos códigos e regras  
Assobia contra o vento, laça a pipa

Auscultando a borra de café do dia a dia

O analista vai a Paris, toma um café, e volta  
A poltrona range, o celular apita, alguém  
soluça  
Tenta lembrar-se de esquecer, tenta esque-  
cer-se de lembrar  
Espana com as mãos os farelos de madelei-  
ne sobrevividos.



*Mirian Estides Delgado é membro do Instituto de  
Psicanálise Virginia Leone Bicudo da SPBs*

# DOCE DESPEDIDA

*Maria Lúcia Ferreira Alvarenga*

Passados alguns anos, a paciente retorna após uma interrupção. Traz, agora, uma questão “para analisarmos juntas”, conforme me diz. Em uma viagem ao exterior, conhece um rapaz e engata um namoro com quem seria seu primeiro namorado. Mas, como conciliar esse namoro à distância?

Dessa forma, conciliamos horários para retomarmos nossos encontros analíticos, nosso “namoro” interrompido, que foi se aprofundando a cada dia. Um namoro aqui e outro lá, no estrangeiro, ainda pouco conhecido, como costumávamos brincar. De alguma maneira iniciamos novo ensaio de uma relação a dois. Por um bom tempo, *com-versamos*, sonhamos e aprofundamos nossa relação, enquanto seu namoro estrangeiro também se fortalecia através de idas e vindas ao país de cada um. Um dia, a paciente me comunica a decisão de casar e ir morar no país do então já noivo.

Convivemos por mais um ano com a ideia da construção de uma nova vida no estrangeiro. A proximidade de seu casamento anunciava também o término de “nosso namoro”.

Nossos encontros tornaram-se mais intensos, tanto em relação à frequência semanal, como no clima emocional presente. Histórias foram contadas, barreiras se desfizeram e sonhamos juntas durante o tempo que nos restava. Paralelamente ao clima de despedida, foi-se criando uma crença em um futuro promissor e de transformações.

A paciente se foi e deixou a promessa de mandar notícias. Aguardo, como uma mãe a esperar notícias da filha que cresceu e foi viver sua vida. Recebo um ou outro email com notícias breves, até que, passado um ano, comunica-me que virá ao Brasil e solicita um encontro comigo em meu consultório. Para “matar” as saudades e contar as novidades. Encontro que acontece no consultório, não mais com o sentido de antes, mas ainda necessita de um “setting” específico.

Recebo um forte abraço com lágrimas emocionadas e o comentário de que parecia não havermos nos separado. Vamos conversando e Confirmo minha ideia de que transformações ocorreram em seu mundo interno. “Ela”, de fato, cresceu!

Novamente a paciente se vai para o estrangeiro e fico na companhia de meus pensamentos a respeito do que significam os

tantos encontros, desencontros, despedidas e reencontros a que nos vemos sujeitos no ofício de psicanalista. Vivemos uma diversidade de sensações e pensamentos, onde primitivas emoções se passam entre paciente e analista, nas vias da transferência/contratransferência e que caracterizam o trabalho analítico.

Indago o que tanto nos estimula a permanecer nesse terreno minado, das relações vivas, onde encontros se transformam em rupturas e/ou despedidas.

O que nos apaixona nesse ofício, penso eu, é a crença de que a base dos encontros e possíveis reencontros está na construção e fortalecimento do vínculo emocional. Expressão da ligação entre as partes, fruto de trocas em uma boa relação (tendo com base na primeira relação mãe-bebê), onde há espaço para criação, construção e sonho. Separadas e unidas, apesar da separação, por exemplo, promovida por uma mudança de país. O vínculo mantido nos faz sentir que a distância física nada mudou. A certeza da permanência de um objeto interno que mantém a marca do bom, do criativo e do fecundo.

Nossa separação envolveu a dor da saudade e a perda da presença diária, mas transformou-se em uma presença interna, onde o diálogo pôde ser mantido. Momentos em que alguém lhe diz que, em determinada situação, conversou com você em pensamento.

E assim caminhamos, nós psicanalistas, pelos terrenos incertos de nossas vidas e de vidas alheias, enriquecendo e povoando nosso mundo interno com personagens que possibilitam o recordar, muitas vezes, de doces despedidas.



*Maria Lúcia Ferreira Alvarenga é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília*

# O MATEIRO E O CURUPIRA

Luciano Lirio



Mateiro é a pessoa que trabalha na mata e sabe se orientar por meios naturais. A profissão requer coragem para enfrentar perigos diversos e capacidade para passar longo tempo consigo mesmo, tendo a sua volta apenas a natureza com seus mistérios, força e riscos. Os caminhos são criados a cada incursão do ir e vir. O trabalho do mateiro, em parte, consiste em ajudar as pessoas a se deslocarem na mata.

Curupira é uma figura do folclore brasileiro, um anão com imensa cabeleira vermelha, que tem os pés ao inverso, com os calcanhares para frente para confundir seus inimigos. Protetor ciumento da floresta, recorre a diversas estratégias para dificultar a orientação de qualquer humano que entre em seu ambiente. Demônio da floresta, dotado de prodigiosa força física e

velocidade, é causador de rumores misteriosos, pavores súbitos, esquecimento de caminhos e desaparecimento de caçadores.

Nas andanças pela mata, às vezes, o mateiro se perde e, para se reorientar, separa-se do grupo e sutilmente, fazendo-se de distraído, dá vários nós numa corda ou cipó e a joga para trás por cima do ombro. O curupira, que estava criando pistas falsas na mata para confundir o mateiro, observa tudo. Ele é extremamente curioso e vai procurar aquilo que o mateiro jogou. É aí, nesse tempo, que o mateiro reencontra seu caminho. São em momentos como esses, de se perder, que o profissional da mata não pode entrar em pânico, pois isso colocaria em risco quem ele está acompanhando e a si mesmo.

Pretendo brincar com esses três elementos:

o mateiro/psicanalista, a floresta/inconsciente e o curupira/força pulsional de vida e de morte; deixando aberto o campo para os leitores com outros paradigmas psicanalíticos jogarem de outra maneira.

A aptidão do mateiro/psicanalista é transitar pela floresta/inconsciente e, a cada encontro, descobrir novos caminhos, mesmo que assim fique vulnerável e sujeito a momentos de desorientação e à angústia de ter de se reorientar. O desejo do mateiro não é dominar a mata, pois sabe que ela se modifica constantemente sob a ação dos ventos, dos animais, do regime das chuvas. Com o psicanalista ocorre algo semelhante, posto que não é o mesmo com todos os pacientes – cada encontro é único – e ele tem de conviver com o curupira/pulsões, em sua resistência a aceitar as marcas do humano/cultura. O curupira é também aquilo que se agita dentro do analista, no paciente e na relação entre ambos, não se sabendo, a priori, se o movimento é de vida ou de morte.

As pessoas que se perdem na mata podem entrar em pânico quando percebem que estiveram andando em círculos. Penso que o medo do colapso está presente em toda análise e, por vezes, nos vemos num mato sem cachorro.

As falas do paciente evocam emoções, sentimentos, lembranças, experiências as mais diversas e o psicanalista não sabe se conseguirá lidar com o que pode acontecer. O curupira pode ainda ser visto como a curiosidade dirigida que ameaça afastar o psicanalista de sua escuta livre de julgamento. O psicanalista precisa ouvir as palavras em seus múltiplos sentidos e, assim, abrir caminhos de ressignificação de experiências traumáticas que estão na base do sofrimento psíquico e de seus sintomas.

Se perguntarmos ao mateiro como ele se perde e depois se acha, é provável que ele não saiba explicar, ou atribua isso à sua luta contra as artimanhas do curupira. É que o simbólico que toca o real dá a ele uma segurança mais intuitiva do que a proveniente de dados científicos.

O humano tem a floresta, o curupira e toda a natureza dentro de si. E tem também algo além da natureza: a capacidade de pensar por meio das palavras e de representar internamente o tempo e o espaço. O psicanalista, na intimidade com o outro, é puxado para um contato intenso com seus traumas e vivências infantis, nem sempre elaborados na sua análise pessoal. A análise do analista continua na sua clínica.

Quero me deter na imagem do mateiro perdido durante a noite, sem a luz do sol para se orientar, sem poder ver as estrelas, enco-

bertas pela copa das árvores. Nenhuma pista, nenhum traço de um caminho já percorrido. Nenhuma referência. Se não puder suportar a “noite”, em vez de dormir e sonhar, poderá sair andando a esmo, com o risco de ferir-se e ficar mais perdido ainda.

Roussillon, em seu artigo “O trauma narcísico-identitário e sua transferência” (Revista Brasileira de Psicanálise vol. 48, n.3, 2014), explora a noção de um trauma primário produzido pela inadequação das respostas do ambiente, ante as expectativas e preconceções inatas do bebê. Esse trauma primário produz um sofrimento narcísico-identitário do tipo “agonia psíquica” sem representação e, para sobreviver, o sujeito tem de retirar-se de si mesmo e clivar-se em sua experiência emocional. Em decorrência disso desenvolverá modalidades de defesa e de ligações não simbólicas para enfrentar o “retorno do clivado”. Ele expande o conceito de clivagem para além da dinâmica perversa e do fetichismo. Propõe considerar o conceito de clivagem do eu como o processo referencial das patologias narcísicas e da autoimagem. O autor discute questões importantes que me ajudaram a pensar a imagem que utilizei, da situação de desamparo do mateiro/analista diante do desconhecido, em um campo analítico habitado pelo não representado, por conteúdos sem referência a nada perceptível, nem apreensível. O trauma primário do paciente, em um modo de funcionamento marcado pela clivagem, pode reativar pedaços da história infantil do analista, deixando-o em uma posição de criança desamparada, confrontado com seus próprios limites de simbolização, o que Roussillon chama de reversão da transferência.

O psicanalista precisará suportar o vazio representacional e aguardar o retorno de sua capacidade de sonhar, pensar e de encontrar novos caminhos.



*Luciano Lirio é membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# VARAL DAS ASSOCIAÇÕES

ESCUta, ESCUta, OH, ESCUta.  
— SHAKESPEARE, HAMLET

ESCREVER É SONHO LIVRE.  
LER É ALIMENTO DOS SONHOS.  
TER DE ESCREVER NÃO É  
SONHAR.  
— AVELINO NETO

## DE LONGE

DE LÁ PRA CÁ, PASTEIA A MENINA  
FINGE MULHER, SISUDA ENGANA  
ANDREIA DANÇA.

DE SAIA RODADA, CRUZA FACEIRA  
INTUI OLHARES, PESARES DERRAMA  
ANDREIA DANÇA.

PRENDE O CORUQUE, DEDOS DE PIANISTA,  
FALSO RUBOR  
PREOCUPADA AO TELEFONE, RISO NHA  
CRIANÇA  
ANDREIA DANÇA.

NO RASTRO O DESEJO DISPARÇA  
O OLHAR TRAI SEM QUERER, BALANÇA  
ANDREIA DANÇA.

ESCONDE A MULHER, CHARME DE MENINA  
DISRITMIA, DISSIMULADA COREOGRAFIA  
ANDREIA DANÇA.

MORDE O LÁBIO, SE INCLINA,  
NÃO SABE O QUE QUER  
DOIS OCEANOS NOS OLHOS, UM FAROL  
ILUMINA  
ANDREIA DANÇA.

ANDREIA, DE LONGE, ME ALCANÇA  
MANSA, MEIGA, MALANDRA  
ANDREIA, SEM SABER, EM SUA DANÇA  
ME TRANÇA.  
— LUCIANO ANTUNES

... DE QUE FONTES ESSE ESTRANHO  
SER, O ESCRITOR CRIATIVO, RETIRA SEU  
MATERIAL, E COMO CONSEGUE IMPRES-  
SIONAL-NOS COM O MESMO E DESPER-  
TAR-NOS EMOÇÕES DAS QUAIS TALVEZ  
NEM NOS JULGÁSSEMOS CAPAZES.  
— S. FREUD, 1908

A LITERATURA, ATRAVÉS DA  
SENSIBILIDADE E TALENTO DO  
AUTOR, FUNCIONA, MUITAS  
VEZES, COMO PORTA-VOZ  
DA NOSSA PRÓPRIA  
SUBJETIVIDADE.  
— DANIELA BOIANOVSKY

QUANDO VEJO VOCÊ ME  
PARINDO VOU APRENDENDO  
A ME PARIR TAMBÉM.  
— TAÍZA E ROBERTO TABUR

ESCREVO  
QUANDO  
NÃO  
CABE.  
— CÍNTIA  
ALBUQUERQUE

A ALMA PARTIDA EN-  
CURVA-SE  
ASSOCIA A VIDA E A MORTE  
REERGUÊ-SE  
E SEGUÊ EM FRENTE  
COM AS PALAVRAS  
— HELENA PONTUAL

A LITERATURA PRODUZ  
SONHOS, COMO O EXERCÍCIO  
DO TRABALHO PSICANALÍTICO,  
CUJA ESCUTA ATIVA IMAGENS  
NA MENTE DO ANALISTA  
QUE POSSAM DIALOGAR  
COM A FALA DO PACIENTE.  
— BETH MORI

É TODO NOSSO BEM É  
QUE NÃO SE ACABEM  
NUNCA  
"OS MARES NUNCA  
DANTES NAVEGADOS."  
— LOURDES  
TEODORO

ASSOCIAÇÃO LIVRE  
É SONHO  
E O SONHAR É  
PRECIOSO.  
O ESCREVER NÃO  
É PRECIOSO!  
— AVELINO NETO

## QUASE 2

NÃO SEI DE QUANTOS QUASES  
UMA VIDA É FEITA  
ANTES DA MORTE.  
SEI, PORÉM, QUE É QUASE,  
POR MUITO POUCO,  
QUE ORA ESCREVO...  
— SÔNIA FRIEDRICH

É A LITERATURA  
QUE AMPLIA E  
ENRIQUECE O  
CONHECIMENTO  
DA EXPERIÊNCIA  
DA VIDA,  
ESTIMULANDO  
O MUNDO DA  
IMAGINAÇÃO  
— RONALDO  
DE OLIVEIRA  
CASTRO

A ESCRITA PSICANALÍTICA  
SE METCLA INEVITAVEL-  
MENTE DE REALIDADE  
E FICÇÃO. É INTEIRA-  
MENTE IMPOSSÍVEL QUE  
A ESCRITA ANALÍTICA  
NÃO MOSTRE DUAS REALI-  
DADES PSÍQUICAS - A DO  
ANALISANDO E A DO  
ANALISTA - MESMO ESCRITA  
PELO ANALISTA É A  
NARRATIVA DA RELAÇÃO  
DO PAR.  
— CARLOS DE ALMEIDA  
VIEIRA

ESCREVO, MUITAS VEZES, PARA  
LER E "OUVIR" O QUE PRECISA  
SER DITO PARA MIM MESMA.  
AO DAR FORMA A UM  
CONTEÚDO ATRAVÉS DA ESCRI-  
TA, CONSTRÓI-SE UM NOVO  
OLHAR, AQUELE QUE PRECI-  
SOU DECODIFICAR E ORGA-  
NIZAR O QUE ANTES  
ERA UM AMONTOADO DE  
IDEIAS E SENSAÇÕES.  
— DANIELA BOIANOVSKY



NO FINAL DE SETEMBRO, O JORNAL ASSOCIAÇÃO LIVRE REALIZOU, EM PARCERIA COM A DIRETORIA CIENTÍFICA, A 1ª JORNADA DE ESCRITA EM PSICANÁLISE DA SPBSB. EM MEIO A DEBATES E OFICINAS DE ESCRITA, UM VARAL FOI INSTALADO COM FRASES DOS MEMBROS DA SOCIEDADE E DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE. ASSOCIAÇÕES OCORRIDAS SOBRE O PROCESSO DE ESCREVER, LITERATURA E PSICANÁLISE, EM POESIA E PROSA, QUE REPRODUZIMOS AQUI.

ESCREVO PARA DIZER  
O QUE NECESSITO  
EXPRESSAR; POESIA,  
FANTASIA, DENÚNCIA,  
UTOPIA.  
— LOURDES TEODORO

A LITERATURA EXPRESSA/  
TRADUZ/INVENTA  
AS POSSIBILIDADES  
HUMANAS E NESSAS  
MEDIDAS FERTILIZA  
O PROCESSO PSICANALÍTICO  
E A RELAÇÃO  
ANALISTA-ANALISANDO.  
— ALMIRA RODRIGUES

COM QUASE TUDO  
TEMOS CORPO PARA ACENDER  
O AMOR  
E PALAVRAS PARA QUE  
NÃO APAGUE  
— CELSO GUTFREIND  
DO LIVRO "EM DEFESA  
DE UMA CERTA  
DESORDEM"

AFETO À VISTA  
ESPERO AFETO À VISTA  
LÍMPIDO, DIRETO, CALOROSO  
AFETO A CRÉDITO  
COBRA JUROS EXTORSIVOS,  
IMPAGÁVEIS  
DESEQUILIBRA A BALANÇA  
EMOCIONAL

ESPERO AFETO À VISTA  
RECEPTIVO, PURO, ÍNTEGRO  
AFETO A CRÉDITO  
CORRÓI O ESTOQUE DE  
CARINHOS  
DESTRÓI O CAPITAL DE AFAGOS  
ESPERO AFETO À VISTA  
GENEROSO, SUTIL, ABERTO  
AFETO A CRÉDITO  
APRISIONA, SUBMETE, INDUZ  
ANIQUILA O NÓS, IMPÕE O EU

ESPERO AFETO À VISTA  
A ESPERANÇA, A LUZ, A VIDA  
AFETO A CRÉDITO  
CONFORMA, CONSUME  
E SOME  
— AUREA CHAGAS  
CERQUEIRA

MUITOS MOTIVOS PARA  
NÃO ESCREVER A CLÍNICA,  
MAS, MESMO ASSIM...  
— LUCIANO LÍRIO

ESCREVO PARA  
AQUIETAR  
MINHA ALMA.  
— AUREA  
CHAGAS  
CERQUEIRA

TODA BOA LITERATURA  
É FUNDAMENTAL: NELA  
ENCONTRO O QUE VIVO  
NA CLÍNICA — E VICE-VERSA.  
— SÔNIA FRIEDRICH

EU FAÇO ANÁLISE  
PORQUE PRECISO  
DE MIM.  
— TAÍZA E ROBERTO  
JABUR

ESCREVO PARA BUSCAR SEN-  
TIDO DIANTE DE UMA SENSA-  
ÇÃO QUE ME INQUIETA. A  
ESCRITA TAMBÉM DESASSOSSE-  
GA, POIS ENVERGO OS SENTI-  
MENTOS QUE ME HABITAM  
NAQUELE INSTANTE. A  
ESCRITA É UM INSTRUMENTO  
DE PENSAMENTO. UM ATO  
DE ELABORAÇÃO DOS  
ACONTECIMENTOS QUE ME  
ATRAVESSAM.

BUSCO AS PALAVRAS QUE  
PERMITEM A FIGURABILIDA-  
DE DAS IDEIAS QUE CIRCULAM  
NA MINHA MENTE E  
ESCOLHO OUTRAS PALAVRAS  
QUE FARÃO AS CONEXÕES  
CERTAS PARA A COMPREEN-  
SÃO DAQUILO QUE TENTO  
TRANSMITIR E, AO MESMO  
TEMPO, PRODUIR UMA  
ESTÉTICA QUE ME AGRADA.  
— BETH MORI

ESCREVO, PRIMEIRA-  
MENTE, PORQUE  
PRECISO ME ESCUTAR  
E, TAMBÉM, POR DESE-  
JAR COMPARTILHAR  
COM OUTRAS PES-  
SOAS ESSA ESCUTA.  
— PATRÍCIA  
PELANDA

O ANALISTA DEPENDE DE UMA INSPI-  
RAÇÃO QUE EMERGE DO ENCONTRO E  
DIÁLOGOS QUE ACONTECEM ENTRE  
INCONSCIENTES, SEU E DO ANALISANDO,  
DEPENDENTE DE UMA ESCUTA VINCULADA  
AO SISTEMA CONCEITUAL ASSIMILADO  
POR ELE ANALISTA, PERMITINDO-LHE  
A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS QUE  
PODEM ILUMINAR NOVOS CAMINHOS  
ANALÍTICOS. E, AÍ, VEJO ARTE NA  
ATIVIDADE DO PSICANALISTA, ESTA  
ANTES DE TUDO UM CAMPO DE  
REVELAÇÕES, NADA, NADA CIENTÍFICO...  
— MÁRCIO CARVALHO

## DISSONÂNCIAS

I.

VIDA, GESTO QUE GESTA A  
GESTAÇÃO  
GESTANDO A INCONFORMADA  
COISA ALMA  
INSTÂNCIA DE NERVURAS -  
- APORIA  
TESSITURA DE MORTES E  
QUIMERAS  
SÍMBOLO VÃO DE ESPERANÇAS  
E TERNURAS.

II.

PASSEIA AO LARGO UM  
PENSAMENTO INSIDIOSO  
UM QUÊ DE ANTIPATIA  
OU DESGOSTO  
FALÁCIAS, FALÉSIAS, VORAGEM DOR  
DESMORONAMENTO INCONSE-  
QUENTE  
A PERFÍDIA DE UM PESADELO  
A TARDINHA.

III.

INSPIRO, EXPIRO  
DENTRO, FORA  
FORA, DENTRO  
SUFOCO, SOU FOCO  
DENTRO, DENTRO.

IV.

MEDO. TRANSITO EM  
QUEDA  
OS INFORMES, O QUE ME  
INVENTA, SÃO TERRÍVEIS  
LABIRÍNTICA VIDA  
UM ECO DE NÃO-EUS, EUS, EUS  
ME PRECIPITA.

V.

ANDANDO EM LINHA  
RETA  
AOS LIMITES CONSTRA-  
NIDOS  
AO NORTE O PAI  
A MÃE AO DERREDOR  
E TODO O RESTO  
ANDANDO POR ALI  
NO DEMARCADO ESPAÇO  
E TEMPO  
QUE CONSIDERA SEUS  
E QUE VÃO FECHANDO  
A ESTRANGULÁ-LO  
NA IMPERCEPTÍVEL VOLTA  
QUE É SEU CAMINHAR  
EM LINHA RETA  
— MIRIAN DELGADO

ESCREVO CABALEANDO  
TRÔPEGA NUM TRÁFEGO  
DESORDENADO DE PENSAS-  
MENTOS.

CORRO ATRÁS DA PALAVRA  
MAS PALAVRA SÓ  
DESCANSA QUANDO MORTA.  
(ALGUÉM JÁ VIU PALA-  
VRA MORTA?)  
VIVA, ELA ESCAPA, DESAS-  
SOSSEGA, DESLIZA NO  
MEU VAGO ESCURO.  
E NUM SÚBITO ALENTO,  
E SURPRESA, PERCEBO  
QUE DE MIM A PALA-  
VRA DEIXOU UM RASTRO.  
— CLÁUDIA CARNEIRO

ACREDITO QUE  
ESCREVER É  
O MOMENTO  
DE REFLETIR  
E AMADURE-  
CER AS QUES-  
TÕES QUE A  
CLÍNICA E A  
VIDA NOS  
COLOCA.  
— LÚCIA  
PIMENTEL

A ESCRITA EXPRESSA  
AS IDEIAS, AS  
EMOÇÕES, OS SENTI-  
MENTOS E O CONHE-  
CIMENTO DAS  
EXPERIÊNCIAS DA  
VIDA HUMANA  
— RONALDO DE  
OLIVEIRA CASTRO

O QUE SE PASSA EM MEU CORAÇÃO  
É O QUE SE REFLETE EM MINHA  
BARRIGA  
QUE SOFRE UM EMPUXO DO VAZIO  
DE UMA EXISTÊNCIA QUE SE  
QUER PRONTA  
DE UM DESLOCAMENTO NO  
ESPAÇO  
UM PULO NO TEMPO PARA UMA  
HORA INEXISTENTE  
UMA URGÊNCIA, UM DESESPERO,  
UM SAIR CORRENDO DO MUNDO  
PARA ENCONTRAR NINGUÉM  
É COM ELE CONVERSAR NO  
COLO  
ME ALIMENTAR DE SEU CARI-  
NHO, DE SUA VOZ, DE SEU  
CHEIRO  
AINDA NÃO ESTOU PRONTO PARA  
COMEÇAR  
NEM PARA TERMINAR  
JÁ COMEÇOU?  
— ALEXANDRE PANTOJA

ÁGUA MOLE EM  
PEDRA DURA  
TANTO BATE  
ATE QUE FURA.  
ÁGUA MOLE EM  
PEDRA DURA  
RESPINGA ÁGUA  
PRA TUDO QUANTO  
É LADO.  
HÁ SEMPRE MAIS  
DE UM MODO  
DE VER AS COISAS.  
INCLUSIVE NA  
PSICANÁLISE.  
— SYLVAIN LEVY

MAS O QUE, AFINAL DE CONTAS,  
ESTÁ ENVOLVIDO NO ESCREVER?  
MOTIVO DE ANGÚSTIA, DESAGRADO,  
PREGUIÇA, RESISTÊNCIA, CONTRARI-  
EDADE... POR QUE NÃO A PRODU-  
ÇÃO CRIATIVA DE UM CONTEÚDO  
ADVINDO DE NOSSO INTERIOR?  
— ANA CLÁUDIA SANTOS MEIRA  
DO LIVRO "A ESCRITA CIENTÍFICA  
NO DIVÃ"

RESUMO DE VIDA E DO  
VIVER PSICANÁLISE:  
O SENHOR ESCUTE MEU  
CORAÇÃO, PEGUE NO MEU  
PULSO. O SENHOR AVISTA  
MEUS CABELOS BRANCOS...  
VIVER - NÃO É? - É MUITO  
PERIGOSO. POR QUE AINDA  
NÃO SE SABE. PORQUE  
APRENDER-A-VIVER É  
QUE É O VIVER MESMO.  
— GUIMARÃES ROSA,  
1984

# "Uma imagem vale por mil palavras?"

A ESCRITA CONTEMPORÂNEA E OS DESAFIOS DE ESCREVER EM PSICANÁLISE

Ana Cláudia Santos Meira\*

## A ESCRITA CONTEMPORÂNEA NO LAGO DE NARCISO

Hoje, mais do que nunca, “uma imagem vale por mil palavras”. Em tempos de *facebook*, pelo menos, vale! Tomarei essa escrita como paradigmática da escrita contemporânea, proposta da mesa redonda, em contraste brutal com a escrita psicanalítica. No mundo virtual, reunimos muita imagem e alguma escrita – mais representação-coisa do que representação-palavra? Ou sequer representação-coisa?

Em consonância com o ritmo dos tempos atuais, escrever textos é muito demorado; vale o tempo do imediato. Nele, cortamos caminhos e resumimos coisas. As publicações são, em geral, pequenas. Textos curtos, frases rápidas, reprodução de mensagens prontas, postadas por um outro. É muito mais fácil. É mais tentador. E imagens, muitas imagens. Somos seduzidos pelo canto das sereias de tantas facilidades, pois o *facebook* nos oferece muito.

Mas de que ofertas falamos? O que nos captura com tal força? A que anseios nossos essas “publicações” fazem eco? Que necessidades vieram atender?

Dos cinco sentidos, a visão é o sentido posto em movimento no *facebook*; curiosa palavra, pois o tipo de escrita do *face* mal nos dá tempo de sentir, nem de ver sentido em qualquer coisa; inundados por um ritmo que não para nunca, somos tentados o tempo todo a dar uma olhada; só uma olhada. Em um encontro presencial, todos os sentidos entram em jogo e são usados. Na escrita da psicanálise também.

Pelo *facebook*, ganhamos voz e visibilidade. Compartilhamos nossos protestos, pedidos, indicações, reclamações, indignações, nossos ganhos. Endereçamos nossa publicação para alguém que, esperamos, esteja interessado em nós. Procuramos alguém que nos escute; precisamos que o outro diga de nós. Ali, o retorno

é certo, e a plateia é garantida! Já saímos com um público de espectadores, leitores de nossa escrita. Não precisamos esperar, pouco temos a abdicar, quase não nos frustramos. Fica abolida a expectativa, não protelamos nada e nada nos falta. Temos domínio sobre o que mostramos, sobre o que escolhemos e como nos veem.

O *facebook* exhibe – positiva e negativamente – nossa vida, com seus melhores acontecimentos, notícias, momentos e conquistas. Por isso, se oferece como um espaço fértil para nossos anseios mais narcísicos. Ali, vivemos um paradoxo, pois nele nos desnudamos, tiramos as máscaras, mas também vestimos as melhores coisas acontecidas.

Ali, podemos negar nossas imperfeições, limitações e dificuldades. Diferente do trabalho que dá relacionar-se com alguém real, ao vivo, tal como *Sua Majestade, o bebê*, somos reverenciados por alguém que está sempre a postos, olhando, espiando. Tudo o que nosso narcisismo quer: ser visto, ser lembrado.

Onde ficará a escrita, se nosso próprio pensar já não tem mais espaço? O escrever demanda tempo, é preciso reclusão, introspecção e dedicação. E como escrever frente a um “mundo-relógio” que “eco” a toda hora, alertando que estamos atrasados? Ao mesmo tempo um mundo sem tempo, tempo real, não o não tempo do inconsciente, mas um tempo que podemos ignorar, pois nada demora.

Tempos de Narciso, nessa *com-fusão* entre o que é Eu e o outro, nessa convincente ausência de distância e separação, nessa conveniente satisfação plena de tudo o que buscamos, um psiquismo transborda. E quando transborda, nos busca. Da sala de análise à cadeira onde escreveremos, enfrentamos semelhantes desafios: na contramão das mídias sociais, a proposta da psicanálise e da escrita em psicanálise é olhar, não a tela do computador e a vida do outro; é olhar para dentro.

## A ESCRITA NAS TERRAS DE ÉDIPPO: O TEXTO COMO PRODUTO DA SUBLIMAÇÃO

No reino do Eu Ideal, a relação é dual e especular, há um estado de perfeição e completude, e uma imagem segue ocupando o lugar de mil palavras. Logo, só há o que ver; não é preciso falar, menos ainda escrever. Este reino nos oferece o tão esperado retorno ao que um dia – pelo menos, em nossa fantasia – tivemos: um tempo sem tempo de espera, uma situação perfeita de absoluta presença e completa satisfação.

Enquanto tudo está perfeitamente ligado, não há problemas, nem questões, nem impasses, nem conflito. O Eu Ideal repousa e faz repousar. (In)felizmente, até a morte. Será quando o outro fizer-se insuficiente para dizer de nós, que poderemos, então, começar a escrever em nome próprio, sobre o que nós mesmos sentimos.

Com sorte, para passarmos a existir, se apresenta o terceiro. Adentramos no Ideal do Eu, onde as certezas de Narciso darão, no mito de Édipo, lugar a um enigma. Há algo a ser descoberto, há movimento, há um diálogo e, da imagem, passamos às palavras. Em uma tríade, o enigma provoca movimento e nos força a abrir possibilidades, como no aparato psíquico: é quando há falta que o psiquismo se põe a trabalhar e escrevemos, para tentar dar conta daquilo que excedeu o ponto da acomodação. As perguntas sem resposta demandam processo psíquico, geram um pensar, um falar e a necessidade de escrever.

Quando completos, não há perguntas a serem feitas. Quando nos perguntamos sobre algo, a escrita será engendrada então como formação sublimatória. De outro modo, escreveremos apenas para cumprir protocolo, mas só posso pensar a escrita em psicanálise como produto refinado de um desenvolvimento mental.

A escrita é ligação; ela dá unidade, sentido, lógica, ordenamento. Ao mesmo tempo, ela produz novas aberturas. No interjogo entre a pulsão sexual (que liga) e a pulsão de morte (que desliga), esta produção será tanto o resultado do que se mexeu, como acomodará as questões que se abriram na mente ao escrever.

Quando Freud (1927) declara, em *O Futuro de uma Ilusão*, que “a escrita é a voz do ausente”, podemos pensar também na falta, na brecha, na lacuna, na fenda, que só se fazem se Narciso desvia o olhar do lago e, ao invés de olhar para si mesmo, olha para o mundo. Enquanto ocupado com as questões narcísicas, ou não escrevemos, ou escrevemos um texto defendido, uma cópia, para não arriscarmos

sermos vistos pelo outro. Narciso mostra só o que ele mesmo enxerga em seu reflexo. Nada além disso.

O igual, a imagem e semelhança dos grandes autores, o *sim*, o conhecido, o sabido, isso tudo fecha. Não somos pegos de surpresa, Laio não atravessa nosso caminho, e não há embate com ninguém. A escrita nos moldes de Édipo suporta a pergunta, vai em busca de descobrir, entra em confronto e é capaz de um parricídio necessário. Édipo supõe-se incompleto e sabe-se insuficiente. Por isso, precisa falar.

Quando produzimos um trabalho, produto de uma transformação sublimatória, nele, tem lugar a criação. Como a perfeição nunca é alcançada na escrita, somos levados a levantar a cabeça e, com um olhar não tão apaixonado, enxergar aquilo que a realidade nos apresenta. Tal como Édipo, temos coisas pendentes a resolver. O próprio Freud nos deixou várias indicações de que ainda havia muito a explorar, e diversos pontos ainda obscuros, prontos para serem por nós examinados.

Normalmente, escrever não é uma tarefa simples, mas quando falamos em escrever em nossa área, vemos que é ainda mais difícil. Escrever a psicanálise fala de escrever sobre o subjetivo, e é isso que desafia. Desafia-nos na medida em que devemos fazer passar de um registro para outro, objetivo mais elevado – conteúdos que, habitantes de nossa mente, reservam a qualidade de serem desordenados. O trânsito que encontram até a fala apresenta-se sem grandes obstáculos, mas, até a escrita, são inúmeras as barreiras a serem vencidas. Como em uma batalha, travamos com o processo de elaboração de uma vivência subjetiva uma luta atroz, em busca da segurança que a objetividade nos garante. Garantias na escrita, não temos nenhuma. Menos ainda na psicanálise. Pelo contrário, escrever a psicanálise é dos mais intensos exercícios de tolerância à frustração, à desorganização, à ansiedade, à exposição, à transparência.

Se damos uma *cara* de objetividade àquilo que é da ordem do inaudito, e escrevemos um texto que delimita bem – bem demais – um conteúdo mais solto, não percebemos que ali o inconsciente não consegue nem respirar, porque foi sufocado nas profundezas de letras empobrecidas que dizem muito pouco sobre o movimento e a dinâmica interna. Ou escrevemos um texto no qual encontramos – mais do que aquilo que pensamos – aquilo que sentimos, que vivenciamos, que percebemos. Nele, não perdemos a riqueza do encontro com o analisando, não diminuí-



mos a intensidade do que passamos no contato íntimo da sessão, não desperdiçamos as impressões sobre o que os autores dizem a respeito de um tema que nos mobiliza, não escondemos aquilo que elaboramos na privacidade de nosso pensamento. Esta haverá de ser nossa melhor escolha. Difícil, mas melhor. Mais rica e mais viva.

Nossa escrita haverá de ser tão dinâmica como as tramas do inconsciente e o movimento da sessão. Apresentaremos mais do que escutamos com ouvidos, mas aquilo que foi escutado pela atenção flutuante, sentido na carne, vivido na pele. Desta forma, porém, expomo-nos mais, mas diferente do *face*. Ex-

pomo-nos mais ainda quando, ao invés de escolher um analisando em que as coisas estão indo relativamente bem, “um caso interessante”, mostra de nossa capacidade e saber, escolhemos escrever a partir de um caso que nos desacomoda, desestabiliza, o que não sabemos, não conseguimos, com quem falhamos. E não é disto que se trata? Não é isso que, no discurso do analisando, mais vai fazer sentido? Um furo, onde tropeça, o que falha, o que escapa, quando não sabe? E se vale para ele na sessão, por que não valeria para nós na escrita? A escrita psicanalítica deve trazer oxigênio às nossas teorias, pôr em jogo o excesso de certezas e questionar

ideias tomadas como absolutas; deve propor discussão, em um exercício de câmbio das possíveis e diferentes escritas.

Acostumados com a proteção das quatro paredes de nosso consultório, ao nos posicionarmos neste outro lugar, qual seja, o da construção de uma escrita viva, embarcamos em uma aventura que não é *a priori* conhecida. O que já foi conhecido, vivido, foi a experiência na sessão. A escrita disto é em si um outro acontecimento psíquico. Nossa escrita será um momento outro, de viver de novo a mesma intensidade de tudo aquilo que nos dispomos a viver com nosso analisando, do fundo do poço à superfície do papel.

Se precisarmos de um modelo, tem sentido pensar no modelo de sessão que Freud nos propõe, que corre livre e flutuante, atento às palavras e às entrelinhas, ao som e ao silêncio, ao que aparece e ao que se esconde, ao que se mostra e ao que está latente, às vivências de quem está no divã e às de quem está na poltrona. Ao abordar o início da fala de uma analisanda, em seu tratamento, Freud (1905, p. 939) compara: *“primeiro relato será como um rio não navegável, cujo curso é desviado, algumas vezes, por massas de rochas, e dividido, outras vezes, por bancos de areia que lhe quitam profundidade”*.

Então, por mais que emprestemos um ordenamento ou uma lógica secundária a esta escrita, não podemos compreender a escrita psicanalítica como relato do manifesto, ou um texto sem a intensidade que caracteriza o profundo trabalho analítico. Em uma tentativa de manter no público o domínio do privado, não podemos pasteurizar uma experiência que é da ordem do subjetivo, escrevendo de forma objetiva e morta aquilo que estava muito vivo no trânsito entre inconscientes desta dupla. Não podemos submeter o conhecimento que temos do analisando a um processo de engessamento que rouba da vivência toda a riqueza que ela tem. Senão, o que veremos ali será um amontoado de informações, e nada que sequer se pareça com a experiência que vivemos na privacidade de nossa clínica.

A escrita psicanalítica só pode caracterizar-se com as mesmas qualidades necessárias a um processo psicanalítico: como uma escrita viva, com lacunas, fendas e espaços para respirar. Vai abrir brechas, lançar dúvidas, levantar questões, cogitar outras possibilidades; enfim, deverá produzir pensamento, tal como propomos ao analisando, em nosso convite a perguntar-se sobre si mesmo.

A exemplo do que se passa na transferência, esta escrita funciona como transporte que

ignora tempo, espaço e realidade objetiva. Como lograva Freud, esta escrita mais viva faz o leitor viver como se conosco tivesse estado, no calor da hora analítica. Por nossa narrativa, ele sente-se participando, sofrendo conosco nossas angústias, dividindo nossas dúvidas, compartilhando nossas inquietações, sentindo-se também ele acompanhado naquilo que, um dia, sozinho, se perguntou.

Logo, haveremos de perseguir este estado tal que a escrita psicanalítica faça dragar o leitor ou ouvinte para a cena narrada por nós: que dela saiba o que se passou para além daquilo que poderia ser observado. Que nossa escrita não seja somente descrição dos dramas que passamos, especialmente quando eles ainda não passaram em nós. Que uma escrita viva permita que o outro escute nossa respiração apertada, nossos dentes rangendo, que sintam nosso coração taquicárdico, que leia nestas linhas nossos pensamentos, e nas entrelinhas o que vivemos, quando lá estivemos. Que toque naquilo que é tocado na análise: as mais profundas dores, os maiores sofrimentos, a mal-fechada ferida que não cicatriza, o passado ainda atual.

Será a partir dela e através dela que transitaremos pela solidão da sala de análise e pela companhia de quem, depois, nos escuta; pelas linhas do inconsciente do analisando e, então, pelo nosso; para um mergulho nas raízes submersas do inconsciente e, logo, para fora de onde estivemos submersos. Talvez nunca sem medo, mas sem – em função do medo – evitar, fugir ou nos escondermos. A escrita é não só a respiração do pensamento, como diz Carlos Nejar; ela é um espaço de respiração da própria psicanálise. E nosso.



Ana Cláudia S. Meira é psicóloga, doutora em psicologia pela PUC-RS e psicanalista de adultos pelo Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre.

\*A convite da SPBSb, a autora apresentou este texto na 1ª Jornada de Escrita em Psicanálise da SPBSb, em setembro/2014.

# MINHA FADA MADRINHA

COM VOCÊ APRENDI  
A ENTRAR NO MUNDO DOS CONTOS,  
DAS FANTASIAS E DOS HERÓIS.  
TE AMO,  
MINHA FADA MADRINHA

*Vera Lúcia Lúcio*

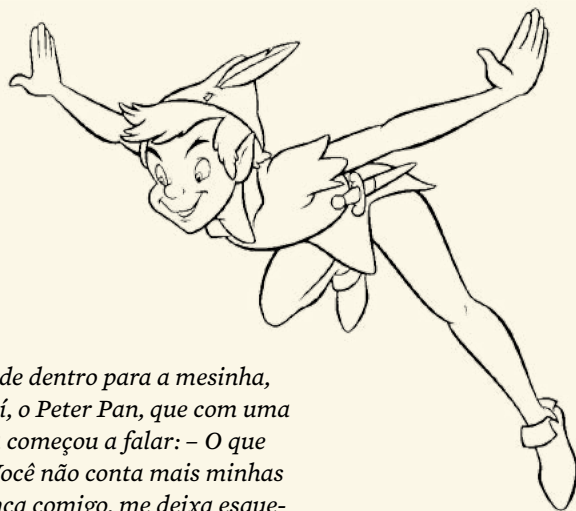
Em setembro deste ano fomos agraciados com a presença de Celso Gutfreind, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Celso tem formação médica com especialização em psiquiatria e psiquiatria infantil, é escritor premiado com 29 livros publicados entre poemas, contos infanto-juvenis e ensaios sobre humanidade e psicanálise. Apaixonado pela psicanálise, poesia e pelos contos infantis, Celso buscou nas duas, psicanálise e literatura, dar expressão às experiências emocionais do humano. Recomendo a leitura riquíssima de seu livro *A Infância através do Espelho* (Artmed).

Em uma das oficinas de nosso encontro sobre escrita em psicanálise, Celso propôs uma atividade ao grupo: primeiro, escrever um ensaio, em que eu poderia falar a uma criança de forma racional, mais objetiva; depois, uma escrita criativa, através de estória, de fábula, ficção, em que eu quis buscar uma linguagem no nível infantil e não adulto. Vou falar do meu relato que se trata, por sinal, de uma estória de verdade.

Meu sobrinho de 7 anos disse à mãe: A Din-da não me conta mais estórias. Fiquei com esta informação na cabeça por um tempo, pensando em como me dirigir a ele. Poderia explicar um monte de coisas, mas resolvi escrever-lhe, pois ele mora longe. Segue minha carta enviada ao pequeno Rico:

*Rico querido,*

*Estava eu no meu consultório um dia desses, quando ouvi um barulhinho estranho que vinha da gaveta de brinquedos, parecia um toc-toc. Escutei de novo, o que seria? Uma barata batendo a cabeça? Um monstro bravo querendo me atacar? Morrendo de medo, mas com coragem para enfrentar, peguei o cabo de uma vassoura e abri um pouquinho a gaveta.*



*Eis que pulou, lá de dentro para a mesinha, esse danadinho aí, o Peter Pan, que com uma cara muito brava começou a falar: – O que acontece, hein? Você não conta mais minhas estórias, não brinca comigo, me deixa esquecido neste buraco fechado. Você me esqueceu? Quer que as crianças me esqueçam também? Quer que o Rico me esqueça? Comecei a me justificar pela falta de tempo, muito trabalho, mas a coisa só piorou. Ele dizia: – Por isso é que eu não vou crescer nunca, adulto é uma coisa muito chata, só trabalho, trabalho, cansaço, cansaço, trabalho, falta de tempo, ta, ta, ta, ta, ta, ta. Para completar a bronca, eis que surgiu da gaveta a Sininho, toda amassada, descabelada, meio que caindo, pois seu pozinho mágico estava acabando, e logo me disse: – Olha bem o que você está fazendo, você acha isso bonito? Olha o meu estado, quer que eu desapareça, que eu morra? Só pude abaixar a cabeça, dei um beijo nos dois e pedi perdão. Eu também estava morrendo. Copiei o desenho dos dois e mandei-o para o Rico colorir. Enquanto eu os desenhava, o sorriso deles voltou e Sininho saltitava, saltitava de alegria.*



*Vera Lúcia Lúcio é psicóloga, psicanalista de adultos e crianças e membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPBsb.*

# POR uma ESCRITA PSICANALÍTICA

*Celso Gutfreind\**

Algumas definições:

**Gênero literário** – definição em uma frase – forma de expressão e recursos linguísticos de uma peça literária.

**Poema** – peça literária que se vale de versos, metáforas. Não há prosa.

**Crônica** – gênero literário tipicamente brasileiro, mais voltado ao jornalismo.

**Ensaio** – gênero literário, em prosa, em que ideias são desenvolvidas de forma objetiva, embora menos sistemáticas do que numa tese.

**Interpretação** – retomada em palavras, transformando num discurso coerente o que estava inconsciente. Objetivo primordial de uma psicanálise. Hoje, interrogado.

O João, 11 anos, entrou para mais uma batalha. Eu o atendia nas terças à tarde. Para Bernard Golse, o psicanalista infantil precisa: 1. Historiar; 2. Vasculhar as interações; 3. Trabalhar com a sua contratransferência.

Historiar com João era impossível.

Vasculhando as suas interações, encontramos gritos e maus tratos.

A contratransferência com o João pesava. A tudo ele se opunha. Tudo o irritava. Só se acalmava com videogames que traziam vírus para o meu computador. Depois do João nunca mais baixei antivírus. Passei a comprar os mais caros, mais potentes. Aquela terça-feira era como todas as outras. Pesada, difícil, quase intolerável.

Acudia-nos o Winnicott. Resistir, sobreviver ao João era o objetivo máximo daquela “cura”. Mostrar a ele e aos pais que o insuportável do arcaico não representado pode um dia terminar.

João estava particularmente irritado, embora muito melhor.

Tentávamos um jogo com bola (o computador estava no conserto por causa de um vírus do João), embora ele se irritasse com tudo o

que eu dizia ou não dizia.

A um determinado momento, interpretei:

– Algo está te irritando muito e não parece ter a ver com o nosso jogo.

Irritou-se mais ainda.

Chegamos ao insuportável de toda terça-feira, justo aquele que me parecia essencial transpor, suportar, sobreviver.

Até que... consegui... criar.

Criei uma personagem. Agarrei a bola e me irritei.

– O que é isto? Perguntou.

– Eu me chamo José, sou um irritado, o mundo me irrita, todo mundo me irrita, inclusive tu. Ele apreciou, sorriu.

Bolamos um jogo em que eu entrava em campo para uma apresentação com a bola. Ia fazer uma espécie de malabarismo. Inventei o malabarismo. A torcida. A foto. A pose para os fotógrafos.

Ele inventou um ladrão que impedia tudo isto.

Depois, um dançarino.

Depois, um bêbado.

O ladrão tentava me dar uma porrada, eu segurava as suas mãos e dizia: faz de conta, faz de conta.

O dançarino mostrava o pinto e a bunda. Eu dizia: faz de conta, faz de conta.

E o bêbado, finalmente, o bêbado ficou em posição fetal e começou a chupar a almofada.

– É um bebê, eu disse. Precisamos cuidar dele.

Então encostei a sua cabeça na almofada. Alcancei uma chupeta, primeiro concreta (uma toalha), depois imaginária. Cantei para ele. Contei para ele. Ele acalmou-se, falou mal de um tal de Celso, que tinha desejos de matá-lo.

Perguntei por que ele queria matar o Celso.

Ele disse que não sabia.



Então eu disse que, antes, ele devia ter sérios motivos para matar o tal de Celso, mas, agora, que era capaz de dizer, talvez o Celso fosse capaz de escutá-lo e já não precisasse morrer.

Ele concordou em parte.

Fizemos este teatro nos próximos meses. A terça-feira tornou-se o melhor dia da semana. Quase melhor que um domingo.

Acho que porque interpretei esquecendo a definição.

Escolhi esta vinheta pois a achei representativa do que acontece nos momentos de epifania de um tratamento. Interpreto fora da definição. Chegamos ao ponto de urgência que permite que o que é feito e dito seja inédito, alcance realmente a primeira vez.

Como a literatura (embora oral) de um Rosa, um Machado, uma Lispector. Esta, aliás, escreveu: Gênero não me pega mais.

Eu a acompanho. Então faço um poema como este, encharcado de psicanálise, em prosa, longe da definição de poema.

E uma crônica como esta, encharcada de poesia e psicanálise, longe da definição de crônica.

E um ensaio como este, encharcado de crônica, poesia e psicanálise, longe da definição de um ensaio.

Não que funcionem esteticamente, eu não entendo muito de estética, mas penso que um tratamento, nos seus melhores momentos, não se preocupa com isto.

A beleza ali é a verdade psíquica.

A verdade psíquica ali é a estética.

Algo consegue ser dito pela primeira vez, nem que na primeira vez da transferência.

Neste sentido, faço hoje uma escrita psicanalítica que perdeu o seu gênero. Desobedeço gente importante como o Ogden, por exemplo.

Mas alcanço alguns leitores, porque faço do meu jeito.

Como alcanço um psicanalista como paciente e alguns pacientes como psicanalista.

Assim como, como paciente ou analista, alcanço meus melhores resultados quando desobedeço ou ajudo a desobedecer mandatos, gêneros, definições. Quando crio.

O gesto espontâneo não é obediente na ancestral luta do rochedo contra o mar e da pulsão com a educação.

Posso estar enganado, mas acho que o Freud, da forma ao conteúdo, quase sempre fez isto. Claro que muito melhor do que eu, mas ele me ensinou a tratar o Édipo (escrita psicanalítica? Literária?) e já não me sinto tão complexado diante dele.



Fiz até um livro inteirinho sobre um livro dele.

Quer dizer, até me sinto às vezes meio complexado, mas continuo vivendo e escrevendo com muito prazer, o mesmo que sinto de estar aqui falando disso com vocês.

Escrever, seja em que gênero, é esquecer do meu tamanho, seja em que idade.



*Celso Gutfreind é escritor, médico com pós-doutorado em psiquiatria da infância pela Paris 6 e psicanalista de adultos e crianças pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.*

*\*A convite da SPBsb, o autor apresentou este texto na 1ª Jornada de Escrita em Psicanálise da SPBsb, em setembro/2014.*

# EXERCÍCIO DE ESCRITA

Cláudia Aparecida Carneiro

## O QUE

Na escrita jornalística, busca-se responder a seis perguntas básicas da notícia no *lead* – em jargão jornalístico, resume-se no primeiro parágrafo: o que, quem, quando, onde, como e por que. Usarei o pretexto de um *lead*, com o qual convivi cotidianamente durante anos de prática jornalística, para desenvolver, nos parágrafos seguintes, algumas ideias sobre a escrita psicanalítica.

Escrever é descobrir o fácil dentro do difícil, e vice-versa. Essa relação de simplicidade e complexidade me leva a uma história de meus 20 e poucos anos de idade, quando tive a primeira entrevista de emprego para uma vaga de repórter em jornal impresso. Fui entrevistada pelo diretor, jornalista Oliveira Bastos, conhecido por possuir um dos melhores textos do país. Talvez pelo meu encabulamento, limitou-se a me perguntar: – Minha filha, quando você era menina, tinha diário? Perplexa, respondi como quem confessa segredo: – Sim! Gostava de escrever poesias e histórias. – Então você está contratada.

Deixei a sala do diretor meio atordoada. Como aquele senhor, sendo autoridade jornalística e não adivinhatória, podia deduzir que meu passatempo juvenil me qualificava a atender aos critérios editoriais da empresa? Não importava. Ele esperava, sim, que eu escrevesse. Com aquele diálogo estapafúrdio, o homem de texto formidável me ensinou que o hábito da escrita é fundamental àquele que se propõe a escrever, em qualquer gênero.

## POR QUE

Mas nossa conversa aqui é direcionada à escrita psicanalítica. Inverterei a ordem do *lead*: Por que escrevemos? Pelos mais variados motivos: por prazer, dever, por necessidade, angústia, inquietude, até por raiva! (Recentemente li uma entrevista em que a jornalista e escritora Eliane Brum revelava ser esse seu combustível). Escrevemos por-

que nos é requerido no decorrer da formação analítica, na elaboração dos relatórios oficiais; porque somos estimulados à produção de artigos; impulsionados por reivindicações narcísicas e porque necessitamos de interlocução para pensar.

## PARA QUE

Escrevemos em psicanálise para comunicar algo. Para sermos lidos, ou escutarmos a nós mesmos. Escrever propicia pensar. Em encontro gaúcho sobre escrita e psicanálise na SBPdePA, Júlio Campos sugeriu que escrevemos para “processar toxinas”. Há quem o faça para aliviar a própria dor. A escrita serve para testemunho de si e também para elaboração de lutos.

Se temos os mais variados motivos para escrever, também o temos para não escrever. Isto deve esclarecer o porquê de a escrita em psicanálise engendrar tanta discussão. Esta condição, em psicanálise, deixa de ser um ato simples, pois envolve afetos: gosto, desgosto, angústia, medo, recusa ao texto. A escrita é dificultada pela autocensura, resistências, impedimentos. Costumo dizer que a escrita requer sofrença, ainda que resulte numa atividade prazerosa.

Ana Cláudia S. Meira (2007), autora do livro *A escrita científica no divã* e que nos oferece um primoroso artigo nesta edição do *Jornal Associação Livre*, conta que o testemunho dos profissionais sujeitos de sua pesquisa de doutorado mostra como são singulares as funções da escrita no psiquismo de cada um, desde a gratificação narcísica até a elaboração de pesados conteúdos mentais, como sentimentos, angústias e conflitos (p.26). Freud ocupou-se de uma escrita com finalidade científica, mas reconhecida pelo seu teor literário. Em 1910, ele destacou que os impulsos inconscientes a conduzir os escritores literários à elaboração poética são os

mesmos que servem de instrumento para a elaboração científica.

Expressamos na escrita psicanalítica nossa experiência singular com o objeto analítico, o inconsciente. No livro *Esta arte da psicanálise*, Thomas Ogden (2010) retoma a questão que aflige todo psicanalista na hora de escrever: como descrever em palavras uma experiência emocional ainda não vivenciada pela linguagem da fala ou escrita? Sabemos que uma experiência analítica não pode ser comunicada em sua forma pura. Socorremos na metáfora.

### INTERSTÍCIO

Drummond pede palavra. Nosso poeta nos ensina que a simplicidade na escrita é um afinado instrumento para tocar a complexidade de nossas vivências emocionais. Em meio aos 25 Poemas da triste alegria (Cosac Naify, 2012), ele escreve:

*Algumas palavras para explicar a minha poesia? A minha poesia é muito simples.*

*Algumas palavras para explicar o meu espírito? O meu espírito é muito complicado.*

Acredito que a leitura e a escrita ficcional podem ajudar o psicanalista a desenvolver sua escrita. Em experiência anterior de oficina de escrita em psicanálise, com colegas da SPBSb, foi justamente a escrita ficcional que despertou o interesse dos participantes em vencer suas resistências, fabricar textos e compartilhá-los entre si. Quando num grupo expomos abertamente nossas dificuldades, temos mais chance de sermos amparados. Trocar dificuldades propicia crescimento.

A criação deste jornal, com a finalidade de publicar textos dos membros da SPBSb e do Instituto de formação, mostrou que escrever fora dos padrões científicos é bom estímulo ao livre exercício da escrita. A forma está cunhada no nome do jornal: *escreva o que lhe vier à mente*.

### QUANDO, ONDE E COMO

A experiência com o *Jornal Associação Livre* é animadora: colegas que raramente ou nunca publicavam consideram gratificante a iniciativa. Cada um vai encontrando sua maneira de praticar a escrita: no curso de associações livres, nos restos da clínica, revisitando anti-

gos escritos. Ou tomando nota de qualquer ideia que lhe passe e exale frescor. Escrever é exercício solitário. Clarice Lispector dissera que, para escrever, tinha que se instalar no vazio. Ouvi de Gley Costa que ouviu de Cyro Martins que escrevia “no rabo das horas”. Ouvi de Paulo Cesar Sandler que escreve em qualquer tempo: enquanto espera, enquanto se adianta, enquanto pensa. De Léa Masina, que precisa da inquietude para escrever. Uma entrega do corpo completo, algo entre sanidade e loucura.

Com um *setting* apropriado para a escrita, as palavras ocorrem e um texto ganha corpo. Preocupações com precisão de termos e contornos estilísticos podem ficar para a segunda leitura. O seguimento da escrita é que precisa de nexos. Mas escrever é sofrência. Depois da catarse inicial, estrutura pronta, são horas ou dias a fio para arredondar o texto e mais horas para “cortar gorduras”.

### QUEM

A forma e a liberdade com que escrevemos também serão definidas conforme o objeto de nossa escrita. Para quem escrevemos? Sem dúvida, para um interlocutor. Real ou imaginário. Então, pode-se escrever, inicialmente, para si mesmo. Em suas *Cartas a uma jovem psicanalista*, Macedo (2011) sugere que sempre se deve escrever sobre psicanálise a partir do que constitui o escritor mais singularmente como analista. Mas, ressalta ele, leva-se muito tempo para reconhecer a própria singularidade, esse modo pessoal de exercer psicanálise.

O fato é que a escrita psicanalítica, seja entendida como criação literária ou escrita científica, mobiliza o escritor, sempre!



*Cláudia Aparecida Carneiro é psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília, psicóloga e jornalista*

# UM MILITANTE DE SEU TEMPO

ENTREVISTA COM LEONARDO FRANCISCHELLI

Por Cláudia Carneiro. Participação de Maria de Lourdes Teodoro



O psicanalista Leonardo Francischelli, ex-presidente da Febrapsi e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), esteve em Brasília no final de novembro e trouxe consigo a novidade de Lacan. Sim, Lacan é contemporâneo, e na visão de Francischelli que há tempos estuda o pensamento do psicanalista francês, a comunidade da IPA deveria “ouvir” mais as ideias lacanianas que compõem um profundo e extenso corpo teórico. “Ou a psicanálise perderá um espaço importante na construção da subjetividade do século XXI”, opina. Durante dois dias, Francischelli falou aos membros da SPBsb e do Instituto de Psicanálise sobre as teorias de Jacques Lacan. Ao final, concedeu esta entrevista, em que defende a participação institucional e a militância política. Ele considera parte intrínseca da formação que os psicanalistas dediquem tempo à sua instituição. E diz que esquivar-se de manifestar opinião política é hipocrisia. “Se o psicanalista não se

posiciona em eventos tão fundamentais para o País como a escolha de um governante, ele perde o direito de falar!”

**AL • Como estudioso de Lacan, você defende que as ideias dele ganhem mais espaço dentro da IPA. Recentemente, durante palestra em Porto Alegre, a psicanalista Elisabeth Roudinesco afirmou que “Freud foi o homem do século XX e Lacan é o homem do século XXI”. Qual a importância de Lacan para a psicanálise praticada por nós?**

**FRANCISCHELLI •** É uma afirmação forte de Roudinesco. Sobre Freud, temos uma segurança em dizer que foi o homem do século XX, um revolucionário que quebrou paradigmas. Quanto a Lacan, o século XXI ainda está em processo. No entanto, na minha leitura, é fundamental nos atermos à afirmação da Roudinesco para não perdermos o cavalo

encilhado, porque o corpo teórico de Lacan, extenso e profundo – destaque aqui a clínica do real –, dá suporte à declaração feita por ela. Se não ouvirmos isso, penso que a psicanálise perderá um espaço importante na construção da subjetividade do século XXI. Lacan é um autor do qual devemos saber, caso contrário corremos o risco de ficarmos desacreditados frente à sociedade. Lacan oferece um arsenal para entendermos as novas patologias e as dificuldades da subjetivação, a partir da queda da figura paterna, desenvolvida por Freud.

**AL • Parece haver um ranço de resistência ao estudo de Lacan nos institutos de formação da IPA. Mas também se percebe, em grupos brasileiros e latinos, um estudo mais criterioso de suas teorias. Seria um retorno a Lacan?**

**FRANCISCHELLI •** Eu penso que essas ideias estão retornando. Na Sociedade de origem de minha formação, a Associação Psicanalítica Argentina (APA), Lacan é um fato. Sua obra está presente nos seminários, colegas falam e escrevem sobre esse autor. Na Sociedade Uruguia de Psicanálise, Lacan transita nos seminários e na instituição. Em minha Sociedade, SBPdePA, há seminários regulares sobre Lacan. Na maioria das federadas brasileiras, Lacan ainda não habita os institutos. Isto precisa ser revisto. O pensamento de Lacan é muito vigoroso e tem uma fundamentação muito sólida em Freud. Se não contarmos com ele, acho que estaremos perdendo um avanço substantivo na formação de psicanalistas em nossos institutos.

**AL • Como se aproximou das ideias de Lacan?**

**FRANCISCHELLI •** Meu namoro vem de longe (*risos*). Eu viva há quatro anos na Argentina, fazia residência em psiquiatria e trabalhava, quando veio o golpe de Estado em 1976, e pouco tempo depois a mulher com quem eu me analisava tratou de emigrar do País. Ela me delegou a um analista chamado Roberto, de filiação lacaniana. Um analista de transição, pois eu queria entrar para a formação na APA. Lá, o analista que eu procurei foi o Baranger, que não tinha hora para mim. Acabei encontrando o Gustavo Dima e tornou-se meu analista de formação. Ele também se aproximou do campo lacaniano, aí há uma questão transferencial clara. No instituto fiz um ano de seminários com um

professor de filosofia que sabia muito de Lacan. E também supervisões com analistas que tinham um corte lacaniano dentro da APA, até regressar ao Brasil em 1985.

Naquele momento fui convidado a participar do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, que completou agora 30 anos. Começamos a mexer com textos de Lacan, hoje incorporados ao currículo da escola. Criei um grupo de estudos com o psicanalista Alduísio de Souza, formado na França. Ele tinha a Fundação Guimarães Rosa e era um apaixonado em Lacan. Acabou deixando a cidade e até hoje três ou quatro pessoas daquele grupo nos reunimos didaticamente e lemos algo de Lacan.

**AL • Que diferencial o estudo de Lacan trouxe para você e sua clínica?**

**FRANCISCHELLI •** Lacan me criou problemas num primeiro momento. É aquela história: o hábito faz o monge. Fiz alguma supervisão nessa modalidade, que é diferente, e isso foi mexendo comigo. Hoje, na minha clínica, posuo alguns entendimentos que têm influência do pensamento de Lacan. Por exemplo, a opinião de Lacan quanto à contratransferência pesou em mim. E como minha formação era toda voltada para a escola inglesa, eu já não tinha posição muito clara sobre a contratransferência, e ainda toda a questão com o que conceitualmente trabalhamos: se na transferência ou a transferência. Essas questões nunca me deram conforto. Talvez por isso hoje eu falo mais no “tempo da transferência”, aceitando que é aí que o inconsciente se presentifica.

**AL • Você disse que o tempo de transferência dá sentido ao que observa na sua clínica.**

**FRANCISCHELLI •** Eu não posso sair da sala de análise e ir para a história do analisando, se é um momento transferencial, se a transferência está falando de algo atual. Aqui há talvez uma diferença com Freud, que olha muito para o passado. Nós temos que olhar o hoje e o futuro do analisando. Tomo como exemplo uma pessoa em análise que quer perder peso. Ela chega ao meu consultório na segunda-feira relatando que fugiu do regime no fim de semana. A cena se repete muitas vezes. Então faço a observação: “Mas até quando vamos ficar aqui falando disso? Até quando a segunda-feira será falar que você quebrou o regime?” Que interpretação

é essa? Eu quis lhe dizer: olhe o tempo passando, olhe para isso! Que a segunda-feira faça parte da sexta, da quinta. Isso eu chamo de tempo da transferência, pois posso ficar escutando o mesmo discurso ou buscar saber o que levou a paciente a agir daquela forma. Há um desconforto e uma descrença em saber que se faz análise há 20 anos e que nesse tempo ocorreram algumas mudanças, outras não. Se a psicanálise não olhar para o hoje e o futuro, entrará num descrédito por seu próprio modelo de operar clinicamente.

**AL** • Até que ponto, então, a psicanálise abarca as questões da contemporaneidade, ou vem perdendo espaço no acolhimento do homem contemporâneo?

**FRANCISCHELLI** • Penso que temos certos momentos na psicanálise – Joyce McDougall com as neossexualidades; Roussillon que traz alguma novidade; o casal Botella que trata do representável e do não representável; o Bollas em seu tempo. Mas vemos depois que aquele momento desaparece. Talvez ainda não sejam construções que traduzam bem nossa contemporaneidade.

**AL** • Isso nos faz pensar no modo como a formação em psicanálise abraça ou não a cultura contemporânea, no sentido de trazer para o analista em formação um vínculo maior com essa cultura. Freud permanece obra necessária e temos outros autores, eleitos conforme a instituição. Parece que a cultura na qual vivemos está muito distante de uma preocupação da formação.

**FRANCISCHELLI** • Penso que nós precisamos sair da psicanálise de consultório e ir para a rua. Precisamos dialogar de maneira muito mais comprometida com a cultura, do que a maneira como estamos fazendo. Temos que estar presentes nas grandes causas, observá-las e discuti-las. Consideremos

as novas leis que surgem a cada dia, como as novas uniões. Quanta coisa teríamos a dizer sobre as novas configurações familiares! E o que estamos fazendo? Às vezes conversamos sobre isso nos nossos seminários! Se queremos ser respeitados, precisamos ir às ruas. Não é abandonar o trabalho artesanal no consultório, que leva tempo. Mas mesmo nos consultórios precisamos estar inquietos com a eficácia do nosso trabalho. Enquanto não recuperarmos o caráter subversivo da psicanálise, estamos fadados a ficar alimentando um monstro inoperante.

**AL** • Ainda Lacan. Qual é a ideia do movimento Lacan na IPA?

**FRANCISCHELLI** • Trata-se de um grupo de colegas da América Latina que terminaram a formação em suas Sociedades e passaram a estudar Lacan e trazê-lo de volta, para dentro da instituição da qual ele foi expulso. Fazemos eventos anuais, o próximo será em Madri, em fevereiro de 2015. O primeiro evento ocorreu na APdeBA, em Buenos Aires. Recentemente realizamos o nono encontro em São Paulo. Foram convidados eminentes psicanalistas “de fora” da IPA para falar de Lacan. Agora Madri quer que sejam apenas convidados de dentro da IPA.

**AL** • Você ocupou vários cargos institucionais e entre 2010 e 2011 assumiu a presidência da Febrapsi. Acha que os psicanalistas, ao se desinteressarem por exercer cargos, estão perdendo a paixão pela instituição?

**FRANCISCHELLI** • Faz parte da formação psicanalítica que os psicanalistas se ocupem política e administrativamente de suas instituições. Por que temos essa dificuldade? Isso faz parte da crise da psicanálise institucionalizada. Os psicanalistas deveriam viver o dia-a-dia da instituição. Não digo que deversem



se perpetuar em cargos, como alguns parlamentares. Nós não fazemos carreira política dentro das instituições. Mas é fundamental que cada um de nós dedique um tempo à sua instituição. É quase uma obrigação ética. Enquanto não falarmos que isto faz parte de nossa formação, estamos nos alienando dentro da própria instituição.

**AL • Qual a sua ocupação institucional no momento?**

**FRANCISCHELLI •** Neste momento sou secretário do instituto de formação da SBP-dePA. É claro que precisamos que outros incorporem funções na instituição. Se perpetuamos em cargos, congelamos a instituição.

**AL • Você vê um desinvestimento das novas gerações?**

**FRANCISCHELLI •** Tem, sim, um certo desinvestimento. Ouvimos analistas em formação dizerem que não têm interesse pela instituição. Acho um absurdo um psicanalista dizer que não lhe interessa a instituição.

**AL • Mas até onde a formação influiria nesse desinvestimento?**

**FRANCISCHELLI •** É uma informação que talvez esteja mais burocratizada do que em outros momentos. E para nós a burocratização é a morte, a desvitalização. A renovação dos nossos institutos, seminários, tudo isso precisa ser visto, porque os tempos do século XXI não esperam, talvez nos encontrem de calças curtas. Se bem que o (Slavoj) Zizek disse: agora que a psicanálise fez 100 anos, estamos no seu começo. Precisamos ver se essa frase do Zizek é pertinente, ou fazê-la pertinente. Voltemos à afirmação de Roudinesco: se Lacan é o pensador do século XXI, estamos cheios de oportunidades. Mas ficaremos na rabeira da história se não nos mexermos.

**AL • Você é um militante político. É filiado a algum partido?**

**FRANCISCHELLI •** Quando adolescente, pertenci ao Partido Comunista. Depois que ele foi destituído, nunca mais assinei ficha de qualquer partido. O que tenho feito é que, a cada eleição presidencial, saio a público assinando algum manifesto a favor de meu candidato, declaro abertamente meu apoio. Nesta última eleição, eu e outros colegas assinamos um manifesto a favor da Dilma, em meio ao clima de sectarismo para todos os lados. Uma jovem colega que faz supervisão comigo chegou a mim dizendo que me admirava muito, mas estava muito decepcionada comigo por eu ter feito essa manifestação pública. Eu lhe disse: “Agora tu vais começar a gostar de mim, pois eu saí desse lugar que você me colocava e me transformei num cidadão comum. Agora nós vamos melhorar nossas relações.”

Aproveito para contar essa história porque temos uma hipocrisia dos psicanalistas que acham que não podem manifestar opinião política. Freud, quando escreve Totem e Tabu, Psicologia das Massas, estava militando. Ele discutia com os marxistas a ideia sobre uma distribuição correta da riqueza. Está escrito em Freud. Ele é um militante de seu tempo. E se não militarmos no nosso tempo, a hipocrisia vai dominar, como vem dominando. É claro que podemos discordar em nossos apoios. O importante é que você manifeste sua opinião: eu sou Fulano, voto no João, no Pedro, na Maria. Certamente haverá um diálogo em torno disso.

Quem é o psicanalista, dentro da Sociedade? Por que ele não pode posicionar-se em eventos tão fundamentais para o País, como a escolha de um governante? Se ele não o faz, perde o direito de falar! Tem que se calar! Se num processo tão importante da escolha dos que vão dirigir nosso país e influenciar nossa vida, estamos calados, que clínica fazemos com essa posição? Acho que nós temos que falar mais abertamente sobre isso.



# CASCATAS DE BANFORA

*Maria de Lourdes Teodoro*

Tudo o que eu queria era ver, tocar a mais antiga árvore do país, bem conhecida por suas várias particularidades. Estávamos no início da década de noventa, em Burkina Faso, antigo Alto Volta, um pequeno país ameaçado pelo deserto na África Ocidental.

Durante meus primeiros três dias na capital, eu havia participado de um encontro apoiado pela UNESCO e pelo PNUD em torno dos problemas e perspectivas dos povos negros. Ao final dessa missão eu pensei com meus botões que não poderia voltar para o Brasil, minha terra natal, sem ter visitado a famosa árvore da qual ouvira falar, a mais antiga Mesquita do país, na antiga capital, chamada Bobô Dioulassô.

Isso não era nada simples. Eu havia passado esse ano poupando dinheiro para a viagem. Infelizmente na semana do embarque para a África o governo brasileiro decidiu apropriar-se da poupança dos brasileiros (talvez só dos mais pobres!). Toda nossa demonstração de revolta e indignação foi inútil, na ocasião. Eu não pude obter meu dinheiro de volta. Então viajei para Burkina Faso com o que tinha no bolso: cerca de U\$500,00. Passei três dias em um hotel muito confortável, cheio de estrelas: ótima comida e também trabalhei muito para trazer minha contribuição para o encontro.

No final, após hesitar um pouco, eu decidi ficar e viajar pelo interior do país. Fui a uma agência de viagem e descobri que eu não poderia ir além de trinta quilômetros com os meus U\$500,00. Mas, então, perguntei: e um burquinense, uma pessoa comum, como é que faz, quando quer viajar? Era claro para mim que o burquinense comum não poderia gastar tanto para percorrer distâncias tão pequenas! Ele não teria como pagar os preços das agências de viagens. Então me falaram das

alternativas: o burquinense costuma tomar o “taxi brousse”, espécie de “taxi cerrado” ou um ônibus no qual passageiros viajam com pequenos animais, pássaros, porcos, galinhas etc. Assim, fiz como eles fazem: em Roma faça como os romanos. No impecável asfalto entre as cidades, aqui e ali uma lambreta, algumas bicicletas e raros carros. Fui a Bobô Dioulassô para visitar minha famosa árvore, a mais antiga Mesquita e, também, conhecer as famosas cascatas de Banfora. Imaginem a emoção de visitar cachoeiras em um país que fica na zona chamada “boca do deserto”, onde se anda quilômetros para encontrar um poço d’água! O ex-presidente Sankara foi o primeiro a cuidar da democratização do acesso à água, em Burkina.

Antes de mais nada, deixem-me dizer que eu visitei a Mesquita. Construída em 1885 (três anos antes do fim da escravidão no Brasil). É um belo edifício muçulmano, cercado por pequenas casas particulares ao estilo colonial francês. A arquitetura da Mesquita lembra a do Mali, em argila e madeira. Ela tem um sistema muito interessante de aeração e iluminação internas. Eu só pude observar essas características através dos pequenos losangos de aeração da parede externa, já que mulheres não podiam ter acesso ao interior do templo. Podia-se observar a atmosfera de sobriedade nesse edifício devocional. Já era tarde da noite quando eu comecei a procurar um taxi que me levaria ao subúrbio onde eu iria ver o famoso baobá: árvore tropical e que cresce particularmente na África. Ninguém queria me levar lá. Não apenas por já ser noite, mas porque – diziam os sucessivos motoristas – “se você vai lá você pode jamais voltar”. Eu me senti um pouquinho imprudente, mas acabei rindo desse medo deles até





que comecei a respeitá-lo, porque descobri que era uma convicção comum a todas as pessoas com quem falei.

Já havia rogado quase todos os taxistas da cidade quando encontrei um jovem que tinha vindo de Ouagadougou no mesmo ônibus que eu. Havíamos conversado um pouco na viagem e eu já sabia que ele era estudante universitário e vinha até Bobô Dioulassô para um curso de aperfeiçoamento. Eu o convidei para

me acompanhar até a aldeia para visitar o famoso baobá. Ele me disse que era protestante desde o nascimento e que preferia evitar se aproximar de animistas. Mas eu o convenci de que isso era, antes de tudo, sua própria cultura e que “essas coisas” não poderiam representar um perigo para ele, se não acreditava nelas. Essa convicção me vem do meu pai, que é protestante e costuma falar assim.

Ele aceitou ir comigo se conseguíssemos

encontrar um taxi disposto a nos conduzir até lá. Encontramos alguém que nos levou, mas ficaria a quinhentos metros da árvore e nos alertou dizendo: “Se vocês não estiverem de volta em trinta minutos eu irei embora para o centro da cidade”. Eu pedi mais dez minutos, ele concordou meio contrariado. Então lá fomos nós. O jovem estudante não chegou muito perto da árvore porque tinha medo, disse. Havia muitas histórias nos galhos dessa árvore, que ficava do lado externo do muro da aldeia. A prolongada copa, o imenso tronco abriga muitos objetos estranhos, ex-votos, retratos, mechas de cabelos, animais empalhados, etc. Na base do tronco, reentrâncias faziam pequenas cabanas cônicas onde mistérios ficavam escondidos. Eu toquei na árvore com grande familiaridade, com uma espécie de forte, ancestral e profundo amor. Eu andei ao seu redor e me senti cada vez mais íntima, confiante. Foi como um batismo para minha alma.

No dia seguinte, às seis da manhã, meu anjo guardião – encontrado quando desembarquei na rodoviária – bateu à porta. Panejámos visitar as Cascatas de Banfora, saindo bem cedo. Pouco depois, em uma supermáquina de duas rodas, pegamos a estrada. Só posso dizer-lhes que um dia voltarei a Burkina Faso para visitar as Cascatas de Banfora... Porque dessa vez, eu pude descobrir que “a África profunda é” o seu povo, a afetuosa acolhida que me foi reservada como se eu fosse um deles. Isso, apesar de eu não poder falar sua língua aqui e ali, e de também não me ves-

tir como as mulheres das aldeias por onde passávamos que, em algumas delas, não se vestiam da cintura para cima. Fosse qual fosse a língua nacional em que se expressassem, sempre nos entendíamos e trocávamos o carinhoso sorriso.

*Eu pude ter em Burkina tudo de que precisei; bastou-me viver como eles viviam; eles, os “comuns”: uma vida humilde, simples, saudável e elegante. Fazia minhas refeições na rua. Geralmente peixe, banana e batata, assados na brasa. Era simplesmente saboroso.*

Há muito mais a dizer sobre minha viagem a caminho das Cascatas de Banfora. Como um bom *griot* africano, percorri a pé dezenas de quilômetros, parando de aldeia em aldeia, conversando, por vezes, cada um em seu idioma – trocando gentilezas. Talvez um dia você possa vir comigo para mais uma bela viagem à África.



*Maria de Lourdes Teodoro é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# WORKING PARTY

CORRIENTES, TRES, CUATRO, OCHO... OU MELHOR, RODRÍGUEZ PEÑA, 1674, BUENOS AIRES.

*Grácia Maria Fenelon*

Tanta coisa poderia falar ao lembrar-me dos dias vividos nessa cidade. Buenos Aires estava bonita, limpa, diferente da minha expectativa construída pela mídia que todos vemos e ouvimos.

Quero comentar uma atividade da qual participei no recente Pré-Congresso da FE-PAL que ali se realizou: o Working Party. Por ter sido uma experiência marcante, intensa, gostaria de compartilhá-la, compartilhar com outros, *con ustedes*. Talvez, por ter sido vivida em um grupo diversificado de participantes de vários lugares: Peru, Colômbia, México, Argentina e Brasil. Daqui, colegas de Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e eu de Goiânia; ou, ainda, *por supuesto*, pela pauta que vigorava ser comum a todos nós: a psicanálise.

Que riqueza! O foco era “Sobre La Especificidad del Psicoanálisis Hoy”, tema que por si só, no vai e vem de pensamentos que ora se aproximavam, ora se distanciavam, se fazia acontecer. A construção da especificidade era tecida nas entrelinhas: nas falas, olhares, gestos, silêncios, nos diferentes momentos de subjetivação que se produziam. Convidados às associações livres, nos alegrávamos e entristecíamos ao som do relato de cada sessão, e assim, alinhavando imagens, conjecturas, por vezes esbarrávamos em alguma teoria, pois “ninguém é de ferro”, numa clara defesa ao que era demais, excessivo, que transbordava do leito de nossa mente *La Plata*.

Aconteceu assim:

O grupo formado por pessoas de diversos lugares tinha dois coordenadores, uma observadora e uma apresentadora. Todos com a informação prévia, essencial, de que deveriam estar presentes em todas as sessões. Assim se fez, participamos ativamente durante todo o trabalho. Foram relatadas pela apresentadora quatro sessões, duas numa tarde e duas na manhã seguinte, com intervalos para café.

À apresentadora foi pedido que se limitasse aos relatos e evitasse qualquer interação com os demais, uma presença/ausência à semelhança do analista na sessão; ao grupo o pedido era para que os participantes “fizessem” associações livres e as apresentassem. Após cada sessão ouvida, quem quisesse poderia ex-

pressar suas associações livremente. Os coordenadores mediavam as falas, cuidando para que todos se manifestassem e, numa atmosfera acolhedora, articulando as diversas falas.

Ao final, a observadora fez pontuações e a apresentadora falou de sua experiência vivida com o grupo: as contribuições que lhe fizeram sentido, os sentimentos surgidos enquanto escutava, numa expressão de apropriação ampliada. Enfim, todos manifestaram as experiências pessoais ali vividas.

A meu ver, tratou-se de uma experiência rica, que possibilitou construções conjecturais de fragmentos da história de um paciente e da relação vivida com a analista. Construções que suscitaram expansão, ampliação, e me permitiram a vivência analítica numa dimensão grupo-clínica e, mais do que isso, numa dimensão emocional. A afetividade presente nas falas gritava!

Para além das sessões apresentadas, o grupo teve a oportunidade de vivenciar o nascer de uma experiência emocional compartilhada. Como sabemos, nossa linguagem não consegue alcançar a totalidade do que vivemos, mas, em relação a essa experiência, posso dizer que *foi exquisita, agradable...* Momentos de trocas e ampliação que certamente ajudaram na afinação da nossa mente, condição essencial do trabalho analítico. Uma situação de intensidade, uma forma de psicanálise na atualidade, *hoy!*



*Grácia Maria Fenelon é membro do Instituto de Psicanálise Virginia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia.*



*Escuta, escuta, oh, escuta.*

SHAKESPEARE, HAMLET